



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LETRAS**

**MURILO GEORGE DE REZENDE SILVA**

**OS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE ACERCA  
DO QUE É *SER* “MINORIA”**

**Delmiro Gouveia-AL**

**2021**

MURILO GEORGE DE REZENDE SILVA

**OS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE ACERCA  
DO QUE É *SER* “MINORIA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado à Banca examinadora do  
Curso de Licenciatura em Letras, da  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL),  
como requisito parcial à obtenção do Título  
de Graduado em Licenciatura em Letras –  
Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. **Débora Raquel  
Hettwer Massmann.**

Coorientador: Prof. Me. **Júlio Cezar  
Rodrigues da Silva.**

Delmiro Gouveia-AL

2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586e Silva, Murilo George de Rezende

Os efeitos de sentido do discurso político: uma análise acerca do que é ser “minorias” / Murilo George de Rezende Silva. – 2021.  
27 f. ; 30 cm.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.

Coorientação: Júlio Cezar Rodrigues da Silva.

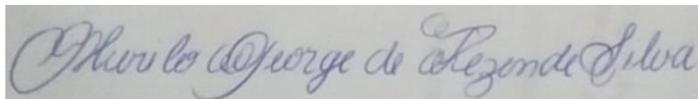
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Análise de discurso. 2. Discurso político. 3. Política. 4. Minorias. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Silva, Júlio Cezar Rodrigues da. III. Título.

CDU: 81'322.5:32

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.



**MURILO GEORGE DE REZENDE SILVA**  
UFAL – CAMPUS SERTÃO

### OS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE ACERCA DO QUE É SER “MINORIA”

**APROVADO EM:** 21 de dezembro de 2021.

#### BANCA EXAMINADORA

Orientadora



---

Prof. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann  
Prof. – UFAL

Coorientador



---

Prof. Me. Julio Cezar Rodrigues da Silva

1ª Examinadora



---

Prof. Dra. Fabia Pereira da Silva  
Examinador Interno – UFAL

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

Andrea Silva Domingues  
Data: 22/12/2021 17:52:02-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

2ª Examinadora

---

Prof. Dra. Andrea Silva Domingues  
Examinadora Externa - UFSC

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe, que antes de falecer, me fez prometer estudar e me formar para que assim eu tivesse um futuro melhor.*

*Aos meus familiares e amigos, os quais me apoiaram e sempre estiveram/estão comigo.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, **Maria de Lurdes de Rezende** (*in memoriam*), ex-professora, que sempre lutou como pode para meu crescimento profissional e pessoal. Ela me fez enxergar que aquilo que há de mais valioso no mundo é o conhecimento. Acreditou em mim na saúde e na doença, até o último dia de sua vida.

À minha tia, **Irene Josefa de Rezende**, que mesmo diante de tantas dificuldades, sempre acreditou no meu potencial para que eu pudesse me tornar o que sou hoje.

À Profa. Dra. **Maria Socorro A. Santos**, por ter sido uma segunda mãe, me dando apoio e força em meus objetivos e, principalmente, por ser uma alma bondosa, pois mãe é aquela que oferece o coração acima de tudo.

Aos meus familiares, **Heydyanne Jordane R.**, por ser uma irmã para mim. **Warla Mayara R.**, por ter me proporcionado o questionamento fundamental deste trabalho e abrir meus olhos sobre sua importância.

Ao **Ernando Nunes C. F.**, por ser mais que um irmão, ser amigo e confidente, nas horas boas e más, acompanhando toda minha trajetória fora e dentro da universidade.

Os meus amigos, **Mateus e Lucas Reis, Erick Campus, Danilson Rodrigues, Jessica Brasil, Jessica Alves, Mayara Almeida, Dalianny Vieira, Priscyla Deyse, Thiago Francisco e Emilson Vincenzo**. Amigos da Universidade, **Elizabety Barboza, Jordânia Rodrigues, Ana Marques, Wires Xavier, Caíque de Lima, Victor Figueredo, Evelyn Souza, Aparecida Soares e Márcia Cristina**.

Aos professores e amigos, Prof. Dr. **Samuel Barbosa**, além de um amigo, um professor maravilhoso que me entendia e iniciou este projeto comigo.

À Profa. Dra. **Débora Raquel Hettwer Massmann**, que me acolheu em momentos difíceis e me ajudou psicologicamente nos meus problemas dentro e fora da Universidade e gerou, comigo, este trabalho lindo do qual tenho muito orgulho.

Ao Prof. Me. **Júlio Cezar Rodrigues da Silva** pelo tempo dispensado, apoio, cuidado, carinho e dedicação e por ter me coorientando com perfeição.

Aos demais professores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus Sertão, que me fizeram ser o que sou hoje, são eles: **Fábia F., Cristiano, Cristian, Suzana L., Marcos, Márcio, José Roberto, Aline, Aluísio** (do NAE) e tantos outros que poderiam ser citados aqui. Meus sinceros agradecimentos.

E a todas as pessoas boas que passaram em minha vida, seja por um momento ou aos que me acompanham ainda hoje, dos quais são responsáveis pela construção do meu ser, amo todos vocês.

*“Ser diferente é ser diferente”.*  
(ORLANDI, 2014).

## RESUMO

A análise proposta neste trabalho refere-se a uma reflexão inicial baseada nos pressupostos na Análise de Discurso, sobre o funcionamento de sentidos em torno do sentido de minoria. Como corpus deste trabalho, o enunciado escolhido traz um discurso baseado em um contexto de rebaixamento das chamadas “minorias” populares brasileiras, fazendo referência aos não cristãos, negros, quilombolas, indígenas, mulheres, e a toda comunidade LGBTQIA+, dentre outros, presentes nos discursos de caráter duvidoso do candidato de direita. Inscritos na análise de discurso, buscamos compreender o processo de produção de sentidos que é posto em funcionamento no enunciado “as minorias devem se curvar para as majorias”, fazendo assim uma análise do imaginário constitutivo e estrutural da divisão de classes brasileira. Diante do exposto, nosso dispositivo teórico-analítico mobiliza os seguintes autores: Althusser (1980); Bauman (1998); Orlandi (2009; 2014) e Pêcheux (2014), entre outros.

**Palavras-chave:** Análise de discurso; discurso político; ideologia; imaginário

## RESUMEN

El análisis propuesto en este trabajo se refiere a una reflexión inicial basada en los presupuestos en el Análisis de Discurso, sobre el funcionamiento de sentidos en torno al sentido de minoría. Como corpus de este trabajo, el enunciado escogido trae un discurso basado en un contexto de degradación de las llamadas "minorías" populares brasileñas, haciendo referencia a los no cristianos, negros, quilombolas, indígenas, mujeres, y a toda comunidad LGBTQIA+, entre otros, presentes en los discursos de carácter dudoso del candidato de derecha. Inscritos en el análisis de discurso, buscamos comprender el proceso de producción de sentidos que es puesto en funcionamiento en el enunciado "las minorías deben inclinarse hacia las mayorías", haciendo así un análisis del imaginario constitutivo y estructural de la división de clases brasileña. Ante lo expuesto, nuestro dispositivo teórico-analítico moviliza a los siguientes autores: Althusser (1980); Bauman (1998); Orlandi (2009; 2014) y Pêcheux (2014), entre otros.

**Palabras clave:** Análisis del discurso; discurso político; ideología; imaginario

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 TEORIA, ANÁLISE E RECORTE: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO, DA IDEOLOGIA E O SILENCIAMENTO/APAGAMENTO DOS SUJEITOS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 AS MINORIAS, HIERARQUIA, DOMINAÇÃO E SUBJUGAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Inscrita na Teoria de Análise de Discurso, materialista, a partir dos estudos de Michel Pêcheux (1938-1983) na França e Eni Orlandi, no Brasil, a presente pesquisa tem por objetivo analisar os efeitos de sentido que são produzidos em torno das minorias, buscando compreender o funcionamento do imaginário social, a divisão de classes e as relações de poder.

Nesse sentido, durante a campanha eleitoral, em Campina Grande na Paraíba, no ano de 2017, do até então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC) (CÂMARA, 2021), o candidato proferiu o seguinte enunciado que tomaremos como recorte discursivo: “[...] as minorias têm que se curvar às maiorias [...]”. Este recorte foi retirado de um vídeo que está disponível no Canal Jair Bolsonaro, disponível na plataforma Youtube < <https://www.youtube.com/channel/UC8hGUtfEgvnp6laHSAq1OQ> >. O vídeo em questão, que pode ser acessado pelo link < <https://www.youtube.com/watch?v=6clkWMKeDhs> >, faz parte do acervo digital que está disponível neste canal do Youtube.

Para desenvolver a presente reflexão fundamentados nos dispositivos teórico-analítico da teoria discursiva. A pesquisa foi desenvolvida no período de pandemia o que trouxe muitas dificuldades para sua execução, especialmente no que se refere ao acesso à biblioteca da Universidade e às reuniões com a orientadora que aconteceram remotamente.

Apesar das dificuldades, conseguimos fazer avançar nosso projeto observando a materialidade discursiva e buscando compreender os sentidos de minorias na relação com a desigualdade social, religiosa, política e ideológica entre os sujeitos, na relação também com as lutas e as resistências. Ao pensarmos a questão das minorias necessariamente somos levados a refletir sobre questões referentes aos direitos das minorias e temos então na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 um conjunto de artigos que buscam assegurá-los e garanti-los. Podemos citar, por exemplo, os Artigos 3, Art.43 e Art. 170 (BRASIL, 1988,

p. 11. 43. 109), que afirmam a importância da construção de uma sociedade livre, justa e solidária, no combate a erradicação da pobreza e marginalização, reduzindo assim as formas de desigualdades no território brasileiro, promovendo assim o bem para todos, livre de preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, valorizando o trabalho e existência digna.

Além do objetivo geral, buscamos neste estudo observar o silenciamento e apagamento das “minorias” em algumas discursividades. Buscamos, pois, com este trabalho científico, construir uma análise discursiva fundamentada a partir da observação do funcionamento do discurso político-ideológico do sujeito Presidente. A pesquisa é elaborada e embasada por meio de aportes bibliográfico-metodológicos, constituindo, assim, um percurso analítico que interliga o recorte à sua materialidade linguístico-discursiva.

Portanto, por meio de uma compreensão de preceitos ímpares e basilares, primamos por compreender que aparelhos históricos, culturais, sociais, ideológicos e, sobretudo, políticos, que auxiliam à (re)produção e (re)significação dos sentidos construídos e constituídos ao longo da história sobre o modo como os sujeitos se relacionam, sobretudo com a língua e a história, assim como se significam a partir dessas relações constitutivas.

A proposta de pesquisa, então, consiste em compreender quais os efeitos de sentido que são propagados/circulados e como eles se apresentam no discurso do sujeito Presidente e como os dizeres, materializados por meio do discurso do sujeito Presidente, colocam em funcionamento/imbricamento, o apagamento/silenciamento em detrimento a um processo de desvalorização da classe tida como “minorias”, nos discursos da ordem do político.

Este texto foi estruturado em três partes principais: a primeira em referência a uma breve abordagem dos conceitos-chaves da Análise de Discurso de Michel Pêcheux, com suas ideias propagadas em textos de Orlandi e aproximação de Foucault, em: *Semântica e Discurso, o discurso e seu poder*, o discurso opera regimes de rebaixamento e silenciamento dos sujeitos. Na segunda parte, dedicamo-nos à descrição e análise dos materiais trazendo consigo uma discussão sobre hierarquia,

dominação e subjugação, dando destaque às minorias como forma de desconstruir este conceito na busca de poder político e fala destes sujeitos. Já na terceira parte, apresentamos as considerações finais.

## 2 TEORIA, ANÁLISE E RECORTE: O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO, DA IDEOLOGIA E O SILENCIAMENTO/APAGAMENTO DOS SUJEITOS

Em um discurso proferido em 10 de fevereiro de 2017, em Campina Grande-PB, o atual Presidente do Brasil, nas condições de produção referidas, às quais discutimos mais adiante, discursa citando as minorias e o seu papel na sociedade, afirmando que “[...] as minorias têm que se curvar às majorias [...]” (BOLSONARO, 2017). Tal recorte feito a partir desse acontecimento discursivo, nos chama à atenção pelo seu discurso e os efeitos de sentido nela postos.

Na busca pela compreensão recorte discursivo selecionado para esta reflexão, devemos tomar o referido fragmento em seu contexto histórico, social, linguístico e, sobretudo, político. Trata-se, pois, de entender as condições de produção e, posteriormente, o modo como o sentido funciona nessa discursividade. Com um olhar discursivo em suas diferentes formas significantes, considerando suas especificidades, tanto simbólicas, quanto históricas e suas condições de produção.

Em “*As minorias têm que se curvar às majorias*”, com base da análise de discurso e seus pressupostos teóricos, pode-se inferir inicialmente a utilização a posição em que ele coloca as minorias de forma inferior as ditas majorias, utilizando o “têm” como verbo de ação, neste contexto, a ideia de subordinação e posse de ter obrigação a se subordinar às majorias.

Para compreender e analisar este discurso, devemos tomar os estudos a Análise de Discurso, assim compreendemos que sua função é identificar as diferentes manifestações provocadas pela linguagem, criando assim um estado de reflexão sobre o simbólico e o sujeito, podendo assim problematizar questões postas sobre o que produzimos e/ou absorvemos em nossos discursos.

Como Orlandi propõe em seu texto Análise de discurso, uma abertura mais ampla sobre a preocupação em compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, como parte de um trabalho social geral, constitutivo do sujeito da sua história e língua.

A Análise de Discurso se preocupa com o material linguístico, entendendo assim como se constrói os discursos e como são distribuídos na sociedade, como eles falam sobre o sujeito e a história da língua, as condições de produção sem necessariamente querer intervir nestas condições, pois a intervenção não cabe ao analista de discurso, mas sua necessidade está sempre voltada na busca de brechas, lacunas deixadas e na desconstrução discursiva.

Deixando questionamentos do qual cada indivíduo em sua subjetividade será responsável na própria reconstrução deste discurso, discutindo um novo pensar e/ou sua prática. Uma vez que a análise discursiva é descritiva, analítica e reflexiva, do qual a língua material de estudo relevante é especulativa e interpretativa.

Como ponte para compreensão e análise do referido discurso, podemos observar que a Análise de Discurso não só se apresenta de forma importante para justificar o valor ideológico da palavra, mas também, para situar uma realidade social humana em que este discurso toma para si um poder simbólico.

Este discurso, entretanto, possui também o poder de manobrar e assujeitar indivíduos em uma determinada sociedade, criando uma visão de senso comum e hierarquizada ideologicamente presente na materialidade discursiva citada. Devemos então compreender e nos aprofundar na Análise de Discurso e suas materialidades discursivas, para uma melhor compreensão deste discurso.

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social [...] com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. [...], não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2009, p.15-16-17).

Desta forma, se estabelece o primeiro parâmetro a ser compreendido neste discurso, do qual a Análise de Discurso faz justificar que não há sujeito discursivo sem ideologia presente em sua linguagem. O homem se torna parte de um meio, este meio social e cultural em que ele vive, o representando em seu discurso. Deste modo, deve-

se observar que o sujeito é afetado diretamente por sua língua e seu meio social-histórico e cultural, não havendo um domínio do mesmo sobre como o afetam. Segundo M. Pêcheux (2014), isso nos leva então a dizer que este sujeito está refém do seu inconsciente e de seu lugar ideológico.

As condições de produção presentes no discurso referido trazem o sujeito discursivo político, de extrema direita, com formação e carreira militar, estabelecendo a relação que este sujeito possui com a língua e suas condições do qual ele produz seu dizer. Dito de outra forma, considerando, segundo Orlandi (2009), os três domínios disciplinares da Análise de Discurso são eles a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Do qual para a Análise de Discurso a língua possui sua própria ordem, a história é verdadeiramente afetada pelo simbólico e o sujeito fora do eixo, por sua vez é afetado pelo real que a língua e história não possuindo assim controle sobre o que lhe afeta. O cruzamento destes três campos resulta no interdiscurso, gerando um novo objeto que é o discurso.

O discurso por sua vez não é a mensagem que o emissor produz para o receptor, mas sim a real interpretação de sentidos produzida pelos efeitos entre estes locutores (ORLANDI, 2009). Não sendo apenas uma mensagem decodificada, são seus efeitos discursivos de sentido que são produzidos na forma que se diz, compreendendo assim o dito e também o não dito.

A palavra “curvar<sup>1</sup>” usada do discurso, por exemplo, deixa uma vasta quantidade de interpretações, que vai dos sentidos de dobrar-se, inclinar-se: curvou-se até o chão, até os sentidos figurados, sujeitar-se, submeter-se, humilhar-se: curva-se perante obrigação, dentre outros. Levando consigo uma quantidade demasiada de interpretações das quais todas se voltam à ideia de subordinação e assujeitamento, curvar-se assim para um grupo ou ser superior, poderoso e divino.

---

1 CURVAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/curvar/>>. Acesso em: 23/011/2021.

Podemos assim dizer que existem condições de produções discursivas que nos levam a crer em um contexto midiático, nos levando diretamente ao interdiscurso. Este é capaz de produzir significantes que afetam um modo de situação discursiva, ambos associados aos contextos e produções sócio-históricas, ideológico deste sujeito. (ORLANDI, 2009)

Seguindo com este pressuposto, observa-se que nossas palavras não nos pertencem apenas. O sujeito acredita que está dizendo algo que compreende, quando na realidade não possui controle dos sentidos constituídos nele. Assim, sua fala não representa o seu discurso em totalidade, não dando para compreender os reais efeitos de sentidos ali presentes. Esta análise interdiscursiva “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2009, p.29), nos leva a direcionar uma fala, para muitas outras semelhantes, a uma memória, “por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação a discurso. E nesta perspectiva é tratada como discurso. Este é definido como aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memórias discursivas: O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2009, p.29), levando a identificação de sua historicidade, como significante de seus comprometimentos políticos e ideológicos (ORLANDI, 2009).

Deste modo, observa-se que há uma liberdade de expressão quando discurso nos leva a um “esquecimento” que, segundo M. Pêcheux (2014), nos levam a duas formas de esquecimento, a primeira também conhecida como esquecimento ideológico, sendo uma ramificação do inconsciente é a forma do qual somos afetados por uma ideologia, dando uma ilusão de sermos a origem do que dizemos, quando na verdade fazemos uma referência a um saber preexistente. Já a segunda e da ordem da enunciação, pois ao falarmos de uma maneira pensamos e nos comunicamos de outra forma, isso nos leva a uma ilusão referencial, Ilusão referencial nos faz acreditar que há uma relação direta entre pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não com outras, que só pode ser assim.

Do qual nós em sua materialidade tornamos o esquecimento algo estruturante. Ele faz parte da constituição dos sujeitos estabelecendo uma relação natural entre a palavra e a coisa. Ao falarmos “curvar”, por exemplo, podemos dizer “submeter”, ou “humilhar” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento’ produz em nós a impressão da realidade do pensamento” (ORLANDI, 2009. p. 35).

Levando em consideração estes dois tipos de esquecimento na categoria de AD, observamos que o lugar de fala em que o sujeito se põe muitas das vezes é explicitamente constituído do que ele diz, mas também de forma inconsciente, moldado por uma ilusão referencial e ideológica, colocando assim o sujeito em uma situação de liberdade expressiva de fala contínua, embasados pelo “esquecimento” de suas falas. Assim podemos nos aprofundar em outro meio importante neste contexto, que seria a fala de poder.

Por vivermos em uma sociedade patriarcal e hierarquizada, estamos postos em uma contínua relação de poder, do qual a fala de um dito sujeito de poder tem mais significado para quem é submisso a ela, presentes no discurso de Minorias x Maiorias. Se afastando agora da ideia de sujeito de M. Pêcheux e tomando lugar o sujeito de poder de M. Foucault (1989), observamos que autor vai tornando estes sujeitos/indivíduos presos em uma identidade das quais eles reconhecem como suas, ou seja, os sujeitos receptores no discurso político, se sentem inclusos as ditas maiorias, se afastando e não tomando para si a identidade e representação da minoria.

Nesse sentido, podemos dizer que a análise de Foucault não começa pelo sujeito, mas consiste em pensar os processos de objetivação e subjetivação que antecedem à constituição deles. Fazendo a genealogia desses processos, Foucault explicita a identidade do indivíduo moderno, carregadas de ideologias sócio-políticas sujeitas a discursos falaciosos.

Em *Microfísica do Poder* de Michel Foucault, o autor afirma que:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1989, p.18).

Desta forma, não buscando uma separação entre os textos e divergências existentes entre Pêcheux e Foucault (deixando claro a ideia e separação de discurso de poder de ambos os estudiosos), mas, sim, almejando uma aproximação entre ambos, podendo observar que o poder de fala é capaz de formar regimes de falaciosos das quais podem-se operar lacunas, levando o sujeito ao engano.

Seguindo este pensamento, nos remete a um discurso embasado de classes dominantes, subjugadas por sociedades de controle de estado e instituições afirmadas por Louis Althusser em Ideologia e “Aparelhos Ideológicos de Estado” (1980). Do qual o indivíduo representa uma classe dominada (minorias) sob uma dominante (maiorias), e que tais massas dominantes são responsáveis pela construção do caráter ideológico e social destes indivíduos.

Portanto, em ambas as situações se observam primeiramente este poder simbólico presente no Estado, nas instituições e principalmente nos sujeitos socialmente favorecidos, em seus discursos tendenciosos sobre a passividade recorrente das minorias para com as maiorias, levando os sujeitos a se distanciar de seus direitos.

Levando-nos assim a discutir e descrever o sujeito como submisso hierarquicamente aos seus dominantes, a um Estado que monopoliza o sentido ideológico, não levando em consideração o sujeito que recebe esta informação ou a sua liberdade de interpretação.

### 3 AS MINORIAS, HIERARQUIA, DOMINAÇÃO E SUBJUGAÇÃO

Para compreendermos melhor a expressão “minorias” no contexto presente do enunciado de Bolsonaro, observamos que o livro de Orlandi (2014), “Linguagem, Sociedade e Política”, cita Kant, sobre uma noção de iluminismo que nos ajuda a obter uma melhor compreensão sobre o pensar de “minorias” em termos qualitativos: “a liberdade necessária à ilustração é a de fazer uso público da razão”.

Isto é extensivo a todas as pessoas como indivíduos de uma sociedade. A individualidade a princípio é destacada afirmando que cada ser humano é único, ou seja, singularidade e sem substituição. “Não se opõe indivíduo e sociedade: são coextensivos e os indivíduos são à base da organização” (ORLANDI, 2014, p. 29).

São consideradas minorias (minoridade) os negros, comunidade LGBTQIA+, as mulheres, os povos indígenas, quilombolas, pessoas de renda e classes baixas que estão à margem da sociedade, dentre outros. Entende-se que quando se fala “minoridade” é sobre as minorias ditas “inferiores” ou sem voz, aos silenciados, a impossibilidade de falar enquanto a “maioridade” (maioridade é literalmente a possibilidade de falar) que é relacionado à classe burguesa - fala/manda e decide.

Este contexto está ligado ao poder aquisitivo das classes dominantes do qual pratica o silenciamento e esquecimento, portanto são minorias políticas. Vivemos em um sistema capitalista, do qual tem voz a Ideologia dominante é a razão capitalista, razão sujeita a imensas formas de contradição, de uma sociedade burguesa que depende exclusivamente das minorias para manutenção capitalista de suas classes através do consumo.

Nestas condições devemos compreender a quem pertence o poder e como as minorias as sustentam. Devemos abandonar a oposição básica que tem sido referida entre quantidade/qualidade, porque esta oposição (e a superação dela) já faz parte dos efeitos de sentidos que constituem o imaginário da própria noção de minoria.

Em Sodré (2005) é notório que a palavra minoria vem com sentido de inferioridade, de forma qualitativa representa uma parcela importante para

democracia, uma vez que a vontade das minorias é posta como descartável sobre a maioria. Ele continua afirmando, que existe na contemporaneidade da classe minoritária ter voz ativa nas instâncias de poder, e que esta participação política é de total importância para lutas voltadas a questões principalmente sociais. Desta forma, as lutas das minorias se tornam um impulso de transformação (segundo Deleuze e Guattari inscrevem no “devir minoritário”). Esta possibilidade de falar presente no mundo contemporâneo representa o lugar de fala representado no texto de Kant. Deste modo, não devemos nos preocupar com condições intituladas quantitativas ou qualitativas, mas sim, na luta pela transformação social.

Dentro desse discurso da inclusão há uma aglomeração que parte deste silenciamento e sua contradição. Em sentidos democráticos, a minoria e a inclusão trabalham juntas com relação ao capitalismo. Há as que são político-culturais dentro da democracia com o direito de exercer a sua singularidade sem perder a igualdade (BARBALHO, 2005). Entra assim a questão da pluralidade. Mas de acordo com Orlandi (2014, p. 32 apud. PÊCHEUX, 2011) “às relações de classe (sociais) são dissimétricas. Difícil conseguir juntar, nesta equação da democracia capitalista, igualdade e direito à diferença. As desigualdades e a segregação fazem parte das práticas sociais desse sistema assim constituído.” Porque o próprio capitalismo que faz essa divisão ser estruturada pela diferença. A diferença é composta pela demanda de inclusão do diferente e é a formulação da contradição.

Deste modo podemos observar a construção de noção de cultura, introduzida a uma questão de política minoritária, e na ideologia que podemos identificar, segundo Orlandi (2014, p. 38), da seguinte forma:

Vemos aí a substituição de ideologia por “cultura”. E a inclusão de-significa a diferença, e assim a “incluir”. Diferença se torna então “diversidade”. Não estacionando em uma questão particular da diferença, ou seja, em uma fração das minorias, mas pensando a diferença em suas muitas formas, em uma sociedade na história, voltamos à consideração da democracia, da política e das minorias. Quer dizer, não definimos mais democracia pela voz da maioria, mas da minoria. Trocamos quantidade por qualidade. E se resolve o problema da democracia: que tipo de democracia queremos, diz M. Sodrê (idem). E ele responde pela qualidade e pela minoria que a constitui com sua voz. *As minorias interessam para a sustentação do que vem se arrastando pela história com o nome de democracia, seguida de perto pela ilusão de*

*igualdade (liberdade)*. Se aceitarmos a dissimetria, fazemos intervir a ideologia na constituição do sujeito e dos sentidos, reconhecemos o Estado capitalista em seu modo de individualizar os sujeitos pelas instituições e discursos que entram, assim, em processos de identificação de que os sujeitos individuados não têm controle - embora esses processos falhem, irrompendo daí as formas de resistência – e podemos pensar a diferença sem ter de incluir a cultura ampliada e a democracia, com sua contraditória ilusão de igualdade, mantida a qualquer preço, no discurso liberal. Aí podemos, então, afirmar: *ser diferente é ser diferente*.

Segundo Orlandi (ibid.), podemos observar a ideia propagada de cultura, como forma de incluir e diversidade. Fazendo assim, uma produção que nos demonstra que as práticas das minorias são acima de tudo ferramentas importantes para construção da democracia, e que são elas as práticas democráticas que não seriam praticadas de forma maciça. Desde modo, fica claro a intenção de conscientização de não reforçar a ideia de minoridade como inferioridade, mas sim de minoria política.

A busca de liberdade e direitos iguais vem diretamente das práticas das minorias, estas vozes são responsáveis pela busca de poder político e fala<sup>2</sup> e demonstração de relevância da mesma sobre a sociedade atual. O Estado busca separar e individualizar estes sujeitos de acordo com suas subjetividades, ou seja, as diversas formas de diversidades postas na sociedade.

Deste modo, podemos observar que a unificação das minorias, sejam elas por questões raciais, sexuais, culturais, socioeconômicas, hierárquicas, dentre outras, tornam-se a uma “minorias” bem mais relevante que as ditas “maiorias”, não por questão de quantidade por assim dizer, mas por uma questão de qualidade. As lutas por direitos iguais e reconhecimento de importância em meio à sociedade são de suma importância para construção de uma democracia que atinja e sustente a luta de todos.

---

2 Segundo Bourdieu sobre poder político e fala, podemos utilizar como estudo a seguinte frase: “o campo político é, pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou totalidade dos profanos (BOURDIEU, 1998. p.185).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, podemos observar que a Análise de Discurso vem como forma de compreensão e estudo dos textos postos em nosso cotidiano. Então quem analisa um determinado evento tem a ideia de que este analista tem uma análise de todos os pontos possíveis sobre este assunto. Só que isso é algo praticamente impossível, pois existem vários pontos de vista dos quais outros analistas podem chegar. Logo a construção de sentidos produzidos é diferente, não só do autor, mas também do leitor, assim o analista vai notar um determinado fenômeno linguístico tomando para si como uma pista importante.

Ela é de natureza especulativa e interpretativa, não chegamos uma verdade na Análise de Discurso, nós chegamos a uma possibilidade de verdade, através de pistas e rastros, nunca se chega a uma verdade absoluta. Porque sempre vamos entender o discurso através de uma perspectiva, um analista tem uma perspectiva todo analista é um sujeito inserido em uma linguagem que não é clara, objetiva nem transparente, existindo nuances interpretativas e que é opaca, passível do equívoco, o analista não é imparcial ou objetivo. Análise de Discurso é por definição algo que a subjetividade conta demais. Claro que não podemos analisar de qualquer forma temos que fundamentar e chegar a outro espaço que outro analista não chegou, porque você toma uma perspectiva diferente de outro analista.

Por fim, abraçamos a importância na construção e desmistificação do quem vem a ser minorias, sua formação de memória social e histórica, compreendendo seu papel e importância na sociedade, analisando o real significado da expressão “minorias” que vem além de tudo como sentido de resistência, não apenas para manter uma base democrática viva, mas para dar poder de voz e vez para os menos favorecidos socialmente ou subjugados de forma preconceituosa.

Os espaços de poder devem ser cada vez mais conquistados por discursos favoráveis a estas minorias e a busca destes direitos devem ser alcançados pela luta diária de seus representantes. Em uma busca pela igualdade social podemos então afirmar, como diria Orlandi, “Ser diferente é ser diferente” (2014, p.30).

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BARBALHO, A. “Postas ao liberalismo Cultura minorias e mídia: ou algumas questões”, in: BARBALHO, A.; PAIVA, R (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BAULMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

BOLSONARO, Jair Mesias. Site disponível em: <<https://www.bolsonaro.com.br/>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Canal, Eu era direita e não sabia. Intitulado, **Jair Bolsonaro diz que a minoria tem que se adequar a maioria** 10/02/17. Youtube, 15 de fevereiro de 2017. Site: <<https://www.youtube.com/watch?v=BCKEwP8TeZY>> . Intitulado, Jair Bolsonaro diz que a minoria tem que se adequar a maioria 10/02/17. Acesso em: 25 de Outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. Canal, Ubiratan Guerra – Política. Intitulado, **Bolsonaro: "as minorias tem que se curvar às maiorias"**. Youtube, 21 de setembro de 2018. Site: <[https://www.youtube.com/watch?v=X\\_z6Hakdw3A](https://www.youtube.com/watch?v=X_z6Hakdw3A)> . Acesso em: 25 de Outubro de 2019.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CAMARA DOS DEPUTADOS. Site: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>> Intitulado, Jair Bolsonaro Biografia. Acesso em 26 de Novembro de 2021 as 00:30 horas.

DICIONÁRIO, Online de português. Site: < <https://www.dicio.com.br/> >. Acesso em : 01 de agosto de 2021 as 21:00 horas.

DELEUZE, G; GUATTARI. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**. vol. 4. São Paulo: editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SODRÉ, M. "Por um conceito de minoria". In BARBALHO, A.; Paiva, R. (Orgs.) **Comunicação e Cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

ORLANDI, E. P. **Linguagem, sociedade, políticas**. Pouso Alegre: UNIVÁS; Campinas: RG Editores, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação ao óbvio** / Michel Pêcheux (1975); tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. - 5<sup>o</sup> ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: BARBALHO, A; PAIVA, R. (Orgs.) **Comunicação e Cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.